

Ressignificando a concepção de conselho de classe: a (auto)biografia nos territórios da docência

Reframing the concept of class council: (auto)biography in teaching territories

Replantando el concepto de consejo de clase: (auto)biografía en territorios de enseñanza

Rita Lee Lopes Vieira de Jesus¹

 0000-0003-2346-1750

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo refletir sobre a resignificação da concepção de conselho de classe nos territórios da docência. Para compor a tessitura teórica, apropriamos das considerações de Ângela Dalben (1995, 2006), Benigna Villas Boas (2014), Cipriano Luckesi (2018), Maria Teresa Esteban e Bruna Pina (2021), Paulo Freire (2015), Rejane Alves (2020), Rosaria Boldarine, Raquel Barbosa e Sérgio Annibal (2017) e Rubia Magnata e Ana Lúcia dos Santos (2015). A partir dos entendimentos de Antônio Chizzotti (2008), Elizeu Clementino de Souza (2006, 2008, 2017), Maria Passeggi (2017) e Josélia Neves (2010), os caminhos docentes são explorados por meio da abordagem qualitativa e da (auto)biografia. Buscamos o estudo dos processos inscritos construídos nas experiências vividas e as suas inferências a respeito dos olhares da professora-pesquisadora-narradora. Para tanto, utilizamos as narrativas organizadas nas dimensões pedagógica e acadêmica como *corpus* de análise que, por sua vez, foram registradas em um diário reflexivo. Os resultados mostram as primeiras concepções de conselho de classe direcionadas a um lugar que privilegia os resultados, as notas e a definição pelas aprovações e reprovações dos/as estudantes. Mais adiante, perspectivas outras surgem e defendem o entendimento de uma prática interessada no acompanhamento das aprendizagens e nas intervenções.

PALAVRAS-CHAVE: Conselho de classe; Docência; (Auto)biografia.

ABSTRACT: This article aims to reflect on the redefinition of the concept of class council in teaching territories. To compose the theoretical framework, we appropriated the considerations of Ângela Dalben (1995, 2006), Benigna Villas Boas (2014), Cipriano Luckesi (2018), Maria Teresa Esteban and Bruna Pina (2021), Paulo Freire (2015), Rejane Alves (2020), Rosaria Boldarine, Raquel Barbosa and Sérgio Annibal (2017) and Rubia Magnata and Ana Lúcia dos Santos (2015). Based on the understandings of Antônio Chizzotti (2008), Elizeu Clementino de Souza (2006, 2008, 2017), Maria Passeggi (2017) and Josélia Neves (2010), teaching paths are explored through a qualitative approach and autobiography. We seek to study the inscribed processes built regarding the lived experiences and their inferences on the eyes of the teacher-researcher-narrator. To this end, we used the narratives organized in the pedagogical and academic dimensions as a corpus of analysis which, in turn, were recorded in a reflective diary. The results show the first conceptions of class councils directed towards a place that privileges results, grades and the definition of approvals and disapprovals of students. Further on, other perspectives emerge and defend the understanding of a practice interested in monitoring learning and interventions.

KEYWORDS: Class council; Teaching; Autobiography.

¹ Doutoranda em Educação. Universidade Federal da Bahia/UFBA. E-mail: prof.ritaleevieira@yahoo.com

RESUMEN: Este artículo tiene como objetivo reflexionar sobre la redefinición del concepto de consejo de clase en los territorios docentes. Para componer el marco teórico, nos apropiamos de las consideraciones de Ângela Dalben (1995, 2006), Benigna Villas Boas (2014), Cipriano Luckesi (2018), Maria Teresa Esteban y Bruna Pina (2021), Paulo Freire (2015), Rejane Alves (2020), Rosaria Boldarine, Raquel Barbosa y Sérgio Annibal (2017) y Rubia Magnata y Ana Lúcia dos Santos (2015). A partir de las comprensiones de Antônio Chizzotti (2008), Elizeu Clementino de Souza (2006, 2008, 2017), Maria Passeggi (2017) y Josélia Neves (2010), se exploran caminos de enseñanza a través de un enfoque cualitativo y (autobiográfico). Buscamos estudiar los procesos inscritos construidos a partir de experiencias vividas y sus inferencias con respecto a la mirada del docente-investigador-narrador. Para ello, utilizamos como corpus de análisis las narrativas organizadas en las dimensiones pedagógica y académica que, a su vez, quedaron registradas en un diario reflexivo. Los resultados muestran las primeras concepciones de los consejos de clase encaminados hacia un lugar que privilegia los resultados, las calificaciones y la definición de aprobaciones y desaprobaciones de los estudiantes. Más adelante, emergen otras perspectivas que defienden la comprensión de una práctica interesada en monitorear el aprendizaje y las intervenciones.

PALABRAS CLAVE: Consejo de clase; Enseñanza; Autobiografía.

Notas introdutórias

As discussões propostas neste artigo buscam a reflexão acerca das concepções de conselho de classe que vêm sendo resignificadas em torno dos territórios da docência. Ao longo do texto, há o registro de narrativas construídas com base em vivências do cotidiano escolar e acadêmico, nas quais sinalizam movimentos que influenciam e (re)configuram o entendimento dessa prática. Vale o respaldo de que o recorte temporal considerado para o estudo corresponde ao ano de 2008, quando se dá o início da carreira docente, e 2024, situando o contexto atual.

Justificamos que esse assunto nos motiva ao debate pelo fato de abarcar indefinições que, algumas vezes, se mostram propulsoras de um conselho de classe com fins de seleção, promoção e exclusão. Discutem notas, dão ênfase ao comportamento da turma e perdem a oportunidade de observar, refletir, avaliar e acompanhar o desenvolvimento e a formação dos/as estudantes. Por não defendermos essa prática centralizada nos resultados, pensamos na importância de discutir e provocar a sua reconstrução numa perspectiva dialógica que potencializa o processo educativo e prioriza a aprendizagem significativa.

Cabe acrescentar a contribuição de Dalben (1995, p. 112), quando escreve que “em vez de o conselho de classe apresentar-se como um momento efetivo de análise, o que se verifica é um momento em que os profissionais constroem uma fotografia da turma”. Sendo assim, com base em um lugar contraditório, desenvolvemos esta pesquisa com narrativas reveladas nos territórios da vida docente. Esse contexto nos impulsionou a repensar a concepção de conselho

Ressignificando a concepção de conselho de classe: a (auto)biografia nos territórios da docência de classe e de que maneira as suas ressignificações se desenrolaram e produziram sentidos.

Por influência do exposto, a nossa questão central de estudo é: Como a ressignificação da concepção de conselho de classe se constrói nos territórios da docência? O objetivo principal se configura da seguinte maneira: refletir sobre a ressignificação da concepção de conselho de classe nos territórios da docência. Para o melhor encaminhamento, traçamos dois objetivos específicos, que são: situar o conselho de classe a partir de seu conceito e função no espaço escolar; e compreender a ressignificação da concepção deste conselho por meio das experiências de vida em suas dimensões pedagógica e acadêmica.

A pesquisa toma como *corpus* de análise as narrativas apresentadas no diário reflexivo da participante, no instante em que busca compreender a ressignificação de sua concepção de conselho de classe nos territórios da vida docente. Com isso, a sua relevância se concentra em problematizar e difundir os resultados obtidos para reforçar que o cumprimento dessa prática seja capaz de movimentar formativamente o processo de ensino e de aprendizagem.

O trabalho está estruturado em cinco seções. Além das Notas introdutórias: uma breve contextualização do conselho de classe, as demais são: O conselho de classe à luz de autores/as: conceito e função, no qual se firma nas falas de estudiosos/as; Trajetórias teórico-metodológicas, em que consiste o panorama dos caminhos percorridos na pesquisa; Partilhas de diário reflexivo: as vozes da professora-pesquisadora-narradora, cuja organização aponta três subseções discutindo as dimensões pedagógica e acadêmica; e, por fim, as Considerações [nem sempre finais], onde as conclusões são apresentadas, seguidas das referências.

O conselho de classe à luz de autores/as: conceito e função

Nesta parte do trabalho, trazemos contribuições de autores/as que dialogam com o tema, bem como os nossos olhares que ajudam a situar o objeto de estudo no cenário da educação formal. O que é conselho de classe? Qual a sua função no espaço escolar? De que maneira é realizado? Quem são os participantes e as práticas a serem avaliadas? Postas as inquietações, observamos em nós o desejo em transitar por este campo e visualizar encaminhamentos.

Antes de tudo, cabe fixar que “por ocasião de uma reforma de ensino francesa de 1959, foram instituídos três tipos de conselho: o Conselho de Classe, no âmbito da turma; o Conselho Departamental de Orientação, no âmbito do estabelecimento; e o Conselho de Orientação, em esfera mais ampla” (Dalben, 1995, p. 26). O surgimento dessa instância acontece na França com a finalidade de organizar o sistema escolar e, com o passar dos anos, a ideia se aproxima e firma em demais países. No Brasil, esta prática é regulamentada pela Lei de Diretrizes e Bases

Ressignificando a concepção de conselho de classe: a (auto)biografia nos territórios da docência da Educação Nacional 9.394/1996, art. 14, no momento em que recomenda a “participação das comunidades escolar e local em conselhos escolares ou **equivalentes**” (Brasil, 1996, p. 17 – grifo da autora). O documento, como pode ser visto, não reporta com evidência o conselho de classe, todavia o inserimos com base no termo “equivalentes”.

Mediante ao exposto, cabe a ressalva de que as ações pedagógicas são diversas e abrangem conceitos diferentes e fundamentais ao processo de ensino e de aprendizagem. Cumpre ressaltar que o nosso foco é o conselho de classe, enquanto instância normativa e pedagógica relevante e potencialmente propositiva em relação às atividades escolares. Partindo de tais aspectos, entendemos a importância em trazer os apontamentos de autores/as que conversam a respeito da temática.

Dalben (2006), estudiosa do assunto e com grande referencial teórico, escreve o respectivo conceito:

O Conselho de Classe é um órgão colegiado, presente na organização escolar, em que vários professores das diversas disciplinas, juntamente com os coordenadores pedagógicos, ou mesmo os supervisores e orientadores educacionais, reúnem-se para refletir e avaliar o desempenho pedagógico dos alunos das diversas turmas, séries ou ciclos. (p. 31)

A autora afirma que o conselho de classe reúne envolvidos no processo educativo com fins na reflexão e avaliação do desempenho pedagógico dos/as estudantes das variadas turmas, séries, que hoje chamamos de anos ou ciclos. Embora ela se refira ao desempenho, algo esperado pelos exames em larga escala, temos um olhar diferente e ampliado com relação a isso. Acreditamos que para os/as estudantes e participantes do conselho de classe terem, de fato, a oportunidade do acompanhamento e da avaliação de suas aprendizagens é preciso estar inseridos num espaço que valoriza o percurso de formação e, não simplesmente os resultados. Desse modo, defendemos que o desempenho não garante a construção do conhecimento.

Em face do excerto, percebemos que é fundamental compreender a função do conselho de classe para começar a ver esta prática como articuladora do processo educativo. Vale salientar, pois, que este não tem o objetivo de apresentar apenas o que é negativo ou frágil, mas também de abrir caminhos para novas perspectivas que visam ao desenvolvimento de ações que repensem a dinâmica pedagógica e possibilitem o alcance do sucesso no ensino e aprendizagem de todos os seus envolvidos (Villas Boas, 2014).

Ao discutir o conselho de classe, não ignoramos dois pontos que o caracterizam: uma

Ressignificando a concepção de conselho de classe: a (auto)biografia nos territórios da docência

prática preocupada com o cumprimento de uma prescrição burocrática; e uma instância centrada nas atividades escolares que fortalecem o ambiente formativo. Relacionando ao segundo ponto, Dalben (1995, p. 16) salienta que a função do conselho em discussão “guarda em si a possibilidade de articular os diversos segmentos da escola e tem por objeto de estudo o processo de ensino que é o eixo central em torno do qual desenvolve-se o processo de trabalho escolar”. A mesma autora, Dalben (2006), acrescenta o entendimento posicionando que o conselho de classe, enquanto órgão coletivo de avaliação do ensino e da aprendizagem, carrega a responsabilidade de,

[...] mobilizar a avaliação escolar no intuito de desenvolver um maior conhecimento sobre o aluno, a aprendizagem, o ensino e a escola, e especialmente, de congregar esforços no sentido de alterar o rumo dos acontecimentos, por meio de um projeto pedagógico que visa ao sucesso de todos. (p. 38).

Em suma, notamos que o conselho de classe pode caminhar por duas trilhas distintas, que são: sob o olhar tradicional, no instante em que se concentra em notas e resultados; e pelo enfoque formativo, quando se importa com todo o processo e acompanha a construção de conhecimentos. O panorama antagônico nos moveu à busca pela exposição e análise dos significados em torno dessa ação pedagógica. Este debate assume um importante lugar, uma vez que provoca toda a comunidade escolar a rever sua prática e, possivelmente, adotar posturas que privilegiem a aprendizagem dos/as estudantes.

Trajetórias teórico-metodológicas

Partimos da premissa de que é necessário romper a padronização do conhecimento construído pela ciência, buscando modos outros de se perceber como gente que pesquisa a si mesmo e consigo. Evidenciamos a relevância da pesquisa qualitativa, pois se volta para uma afinidade entre o indivíduo e o mundo real, onde o sujeito é parte viva do objeto pesquisado (Chizzotti, 2008). Nesse aspecto, o estudo (auto)biográfico está assegurado nas colaborações de Passeggi e Souza (2017):

Situada no âmbito da pesquisa qualitativa, a pesquisa (auto)biográfica em Educação tem procurado superar o dilema que lhe é imposto: ou acomodar-se aos padrões existentes do conhecimento dito científico ou, ciente da especificidade epistemológica do conhecimento que ela produz, contribuir para a construção de novas formas de se conceber a pessoa humana e os meios

A metodologia utilizada contempla a abordagem biográfica, pois visa construir formas diferentes de fazer pesquisa em torno do sujeito investigado, do sujeito investigador e do sujeito investigado-investigador. Desse modo, a centralidade do sujeito aponta a importância em compreender as relações estabelecidas com ele mesmo e com quem está à sua volta, sentindo-se autor da própria história.

Acreditamos que quando um/a professor/a passa a ter conhecimento de si, busca reescrever a sua história de vida docente e acessa um lugar no qual se abre as possibilidades de mudança na educação. Por isso, optamos pela pesquisa (auto)biográfica por reconhecermos a riqueza de reflexões advindas das narrativas e das prováveis intervenções no espaço escolar. Isto posto, vale salientar o registro de Souza (2006) quando nos afirma que,

A pesquisa com narrativas (auto)biográficas ou de formação inscreve-se neste espaço onde o ator parte da experiência de si, questiona os sentidos de suas vivências e aprendizagens, suas trajetórias pessoais e suas incursões pelas instituições, no caso, especificamente a escola, [...]. (p. 410)

É pensando no resgate de memórias, na contação de sua história para transformá-la, que sustentamos a proposta deste trabalho. Por conseguinte, a questão de pesquisa é: Como a resignificação da concepção de conselho de classe se constrói nos territórios da docência? À luz das narrativas (auto)biográficas, o objetivo principal se concentra em refletir sobre a resignificação da concepção de conselho de classe nos territórios da docência. Este se desdobra em dois específicos, a saber: situar o conselho de classe a partir de seu conceito e função no espaço escolar; e compreender a resignificação da concepção deste conselho por meio das experiências de vida em suas dimensões pedagógica e acadêmica.

O procedimento utilizado para obter as informações foi a construção de narrativas. Assim, o universo de investigação se formou com base nas memórias registradas pela pesquisadora e autora da pesquisa. Foi permitido, pois, rememorar acontecimentos de sua vida docente, narrar registros com a intenção de perceber os significados outrora dados ao conselho de classe e as circunstâncias que os provocaram. As ações descritas deram condições ao sujeito dialogar consigo e com o que lhe cerca. A par disso, fortalecemos a nossa ideia com o apontamento de Neves (2010) que diz:

O estudo autobiográfico permite o encontro de múltiplas possibilidades onde o eu pessoal dialoga com o eu social – sou a autora e a narradora do texto ao mesmo tempo e, por meio da auto escuta, posso comunicar ao mundo determinadas coisas que avalio serem importantes (p.125).

Com o intento de respeitar o percurso formativo da participante investigada, as suas narrativas estão registradas em um diário reflexivo, como dispositivo de investigação e formação no campo da docência. Justificamos esta escolha, pois “o trabalho com diário, focado no processo narrativo, torna possível apreender as inter-relações entre as diversas situações e dimensões experienciais da/na sala de aula” (Souza, 2008, p. 3). Essas trajetórias teórico-metodológicas se fundamentam no interesse de narrar as ressignificações da concepção de conselho de classe da professora-pesquisadora, considerando alguns espaços e inferências. Portanto, a investigação se atentou em revelar e pensar acerca da formação construída, levando em conta as vivências no espaço escolar e na academia.

No que tange à escrita de narrativas nos territórios da docência e ao processo de formação, vale registrar que buscamos entender, numa perspectiva reflexiva, as subjetividades do sujeito e as suas construções acerca do conselho de classe. Tendo em vista as experiências narradas, enquanto professora e pós-graduanda, as informações acolhidas durante a pesquisa foram estudadas e refletidas partindo das observações feitas no chão da escola e da academia.

Nessa perspectiva, a lembrança, a narração e a reflexão das vivências da professora-pesquisadora-narradora são expostas. As interpretações dos acontecimentos de sua carreira docente e de sua caminhada acadêmica, quando colocadas em evidência, trazem à tona as ressignificações da concepção do conselho de classe. Por fim, acreditamos que o uso da narrativa serve tanto à investigação quanto à formação simultaneamente (Souza, 2006). Dessa maneira, as próximas seções apresentam recortes das narrativas que são enumerados para facilitar na organização e discussão do tema.

Partilhas de diário reflexivo: as vozes da professora-pesquisadora-narradora

Nesse momento, apresentamos escritas biográficas da participante com o intento de melhor demarcar o universo da pesquisa ao narrar alguns fatos de sua docência. Exploramos os espaços formativos do processo de ressignificação da concepção do conselho de classe, ou seja, as dimensões pedagógica e acadêmica. Buscamos para iniciar essa prosa, o educador e filósofo brasileiro Paulo Freire (2015), que afirmou gostar de ser gente porque, inacabado sabe que é um ser condicionado, mas, consciente do inacabamento, sabe que pode ir mais além dele. Na

Ressignificando a concepção de conselho de classe: a (auto)biografia nos territórios da docência

perspectiva do inacabamento, propomo-nos a refletir as construções feitas em torno da prática discutida e fomentar mudanças.

Referente ao sujeito investigado, afirmamos ser natural da cidade de Bom Jesus da Lapa, situada na região oeste da Bahia e conhecida como a capital baiana da fé. Filha e irmã de professoras, optou pela docência no ano de 2008, onde atua na rede pública deste município. Carrega experiências na Educação Infantil, Ensino Fundamental I e II e Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Graduou-se nos cursos de licenciatura em Pedagogia (Universidade do Estado da Bahia, UNEB, 2008), Letras (Faculdade IBRA, 2021) e em alguns cursos de especialização, como Gestão e Políticas Públicas para a Educação Básica (UNEB, 2021). Concluiu o Mestrado em Educação (Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, UESB, 2019) e, atualmente, estuda o Doutorado em Educação (Universidade Federal da Bahia, UFBA). Durante esta trajetória, o fazer docente foi/é reconstruído sustentado pelas interações consigo e com os outros, permitindo novas posturas e vivências diferentes.

Em 2017, após nove anos de docência, decidiu pesquisar o conselho de classe no curso de Mestrado, devido às inquietações percebidas em seu funcionamento na escola que trabalhava. Envolvida no contexto, observou que ainda há lacunas ao realizar essa prática, tornando-a um espaço de conflitos. Mediante tal constatação, questionamentos se fizeram: Qual concepção de conselho de classe se formou antes e ao longo da pesquisa? Quais inferências permeiam este movimento de resignificação? Quais passos vêm sendo dados em direção a um conselho de classe que, de fato, contribua com um processo de ensino e aprendizagem formativo? São questões disparadoras para pensar com o apoio das narrativas (auto)biográficas.

Experiências formativas: dimensão pedagógica

Ao tratar das experiências formativas que surgiram/surgem na dimensão pedagógica, reportamos à escola da rede municipal de Bom Jesus da Lapa/BA. Depois da aprovação no concurso público do ano de 2008, a participante do estudo se viu na condição de professora. De início, atuou na docência em duas unidades de ensino, que estão situadas na região campesina, durante os anos de 2008 e 2014. No ano de 2015 até os dias atuais, 2024, a sua atuação se concentra em uma escola da sede da cidade.

Nesse cenário, salientamos que o pano de fundo das vivências relatadas se constituem de espaços educativos formais, nos quais interessamos pelo conselho de classe. O registro do diário que trazemos a seguir se refere às primeiras impressões referentes a essa prática.

O conselho de classe é uma atividade garantida por lei e exigida pela Secretaria Municipal de Educação (SEMED), tendo como função apresentar notas e definir a aprovação e a reprovação dos estudantes. Acontece no final do ano letivo, num tempo aproximado a duas horas. Esta prática se concentra em uma conversa rápida com os/as professores/as, a coordenadora pedagógica e a gestora para expor os resultados dos estudantes. Acontece com muita tranquilidade. Fala-se, principalmente, daqueles/as que não alcançaram a média exigida pelo sistema de ensino. Porém, os/as participantes não se inquietam com os motivos que provocaram o fato e tampouco a mudança de atitude que poderia trazer uma outra realidade. Este cenário prevaleceu em cerca de três anos, depois algumas questões deram um novo formato ao conselho. (*Recorte de Diário - 01*)

Segundo a narrativa acima, os primeiros contatos da participante da pesquisa com o conselho de classe sinalizam a preocupação em atender uma questão burocrática, isto é, cumprir uma norma centralizando a atividade à apresentação de resultados. Percebemos que o espaço não dá abertura para que pais/mães/responsáveis e estudantes participem e, desenrola-se num tempo curto e de modo tranquilo. Talvez devido à falta de uma definição coerente do conselho de classe, os sujeitos que constituem esta prática pouco ou não refletem todo o processo educativo e volta os olhos às notas obtidas em momentos pontuais.

É notório que um dos assuntos mais explorados no conselho é o não alcance da média cobrada pelo sistema de ensino que, por conseguinte, causa a reprovação. Todavia, é sinalizado que os/as participantes não se mostram inquietos com o fato. Não se questiona as razões e nem problematizam alternativas que permitem transformar o referido contexto. Mais uma vez se reforça um momento passivo, no qual as notas são destacadas e as aprovações e reprovações determinadas. Os aspectos apontados enfatizam um encontro breve e desinteressado no percurso escolar, cujos envolvidos/as não constroem um planejamento que busque romper entraves reparados na construção de aprendizagem dos/as estudantes.

Com o passar de alguns anos, entre 2012 e 2014, outras características vão sendo observadas acerca do funcionamento do conselho de classe. Prosseguindo a discussão, vale fixar mais um recorte das narrativas.

O conselho de classe é entendido aqui como um momento destinado unicamente para os professores desabafarem, tratarem das notas e do comportamento dos estudantes com a finalidade de definir por aqueles que “merecem” ser aprovados ou reprovados. A equipe gestora começou a cobrar dos professores que diminuíssem o número de reprovações. Devido a isso, houve muitos desentendimentos entre os participantes, tornando uma atividade desagradável. (*Recorte de Diário - 02*)

Nesse horizonte, o conselho de classe é compreendido como um instante propício aos desabafos dos professores, à exposição de notas e à conversa referente ao comportamento dos/as estudantes. Um fato que altera o contexto é a cobrança da gestão por um número menor de reprovações, provocando discórdia entre os participantes e estabelecendo a reunião como um lugar não mais agradável e tranquilo. Diante disso, percebemos a valorização dos dados numéricos que, por sua vez, determinam o ato de aprovar/reprovar. Na contramão desse contexto, Luckesi (2018, p. 163) afirma que “uma coisa é o ato de avaliar, outra, o registro dos resultados obtidos”. O autor entende que a avaliação não se define pelas notas alcançadas pelos/as estudantes. Avaliar ultrapassa a ideia de registros quantitativos obtidos de exames.

O recorte seguinte do diário ainda vê o conselho de classe movimentado por conflitos, acentuando a constância e a escolha de alguns docentes em não participarem da reunião. Conforme a participante da pesquisa,

A partir do ano de 2015, o conselho de classe se apresenta de um modo um pouco diferente e mais preocupante. Embora continue reunindo docência, coordenação pedagógica e gestão no final do ano letivo, os conflitos surgem com mais frequência e determinados professores optam por não participarem. Então, o conselho passa a ser percebido como um lugar de muitos confrontos e, permanece centralizado em notas, aprovações e reprovações. (*Recorte de Diário - 03*)

O trecho acima nos mostra o desenho de um conselho que continua a acontecer apenas no final do ano letivo, tendo como foco as notas, as aprovações e as reprovações. Os/as estudantes, os/as pais/mães e/ou responsáveis não fazem parte desta reunião. Algo que merece ser comentado é o fato de diversos confrontos ocorrerem e professores decidirem por não participar das reuniões. Nesse panorama, algumas perguntas surgem, como: Até que ponto o conselho de classe é um espaço significativo aos/às participantes? Quais os motivos dos possíveis desentendimentos? O que se faz para que não haja conflitos? A quem esta prática interessa?

Ao longo desses anos atuando na docência, 2008 a 2015, a participante da pesquisa vai entendendo o conselho de classe como um lugar que prioriza os resultados pontuais e, não se preocupa com a análise e a avaliação de informações e a proposição de estratégias que possam favorecer a aprendizagem. Acreditamos que isso seja decorrente da pouca leitura e discussão

da temática nas escolas. Logo, a atenção se volta apenas ao atendimento de uma atividade assistida por lei e solicitada pela SEMED, que não incentiva a avaliação do processo educativo, a construção de encaminhamentos e a intervenção.

Em meio a tais implicações, começamos a questionar se, realmente, o conselho de classe contribui com o ensino e a aprendizagem. Se sim, de qual forma? Se não, por quê? Decidimos buscar informações e estudos da área para compreender a sua dinâmica. Desse modo, abordamos na próxima subseção as construções formativas a respeito deste conselho enquanto objeto pesquisado na academia.

Experiências formativas: dimensão acadêmica

Ao tratar as experiências formativas que permeiam a dimensão acadêmica, remetemos às aprendizagens durante o curso de Mestrado em Educação (2017 – 2019) e de Doutorado em Educação, no qual se iniciou no ano de 2024. Cabe destacar, pois, que as pesquisas propostas nos cursos de pós-graduação *stricto-sensu* se dedicaram ao estudo do conselho de classe em perspectivas diferentes.

No curso de Mestrado, a proposta foi analisar as vozes discursivas dissonantes que configuram posições-sujeito do conselho de classe na rede municipal de ensino de Bom Jesus da Lapa/BA, considerando os dispositivos legais que lhe instituem e dão forma organizativa. Trechos do Projeto Político Pedagógico e três vozes formaram o universo de investigação, a saber: a docência, a coordenação pedagógica e a família. Ouvindo os apontamentos desses sujeitos por intermédio de entrevista, chegamos à conclusão de que estes assumem posições diferentes em momentos diversos. Em alguns deles, são controladores, controlados e insatisfeitos a par dos conflitos observados nas reuniões do conselho.

Quando falamos em controle, reportamos às situações variadas de resistência e confronto. A discussão se atentou a esses movimentos discursivos que formam um espaço de atrito e dissonância. Desse modo, é interessante ponderar que “a relação dos sujeitos com o conselho de classe transforma-os em jogo de poder” (Dalben, 2006, p. 64). É possível perceber que as relações existentes entre os participantes do conselho de classe formam este lugar num jogo constituído por manifestações de poder.

As leituras e as discussões acerca do conselho de classe no decorrer do Mestrado tomaram esse foco: repensar a prática em meio às disputas, às produções de sentido, às dissonâncias atravessadas nos discursos e à compreensão dos motivos geradores de confrontos. O estudo dos dados se deu com a análise de discurso sob à ótica de Michel Pêcheux, filósofo

francês. Este estudioso escreve que o discurso é o efeito de sentidos entre locutores (Pêcheux, 1988). No caso da pesquisa, notamos os participantes do conselho de classe (locutores), as produções e os significados presentes em seus discursos.

Consoante ao exposto, a atenção esteve mais centrada na observação dos ditos e não-ditos nas sequências discursivas e das expressões ideológicas, que configuram essa prática uma arena em que os enfrentamentos definem, em instantes diferentes, os detentores do controle e os subordinados a ele. Ao dar passos nesse caminho, determinados olhares aparecem e outra configuração se inscreve na área de estudo. Segundo a participante da pesquisa, o conselho de classe é:

Uma ação burocrática em que a escola se reúne para conversar sobre os resultados do processo de ensino e aprendizagem. Normalmente, é um lugar marcado pela falta de consenso, o que provoca muitos desentendimentos, e por julgamentos com relação ao comportamento dos/as estudantes, o que causa desconforto aos envolvidos. (*Recorte de Diário 04*)

Os referidos estudos foram cruciais à nossa formação docente, já que colaboraram com o entendimento de um conselho de classe que, por vezes, se constitui por sujeitos que assumem posições diversas causando a falta de consenso. Isso nos fez perceber a importância em compreender o conceito e a sua função no cotidiano escolar, para evitar conflitos e buscar contribuir com o processo educativo. Podemos dizer, portanto, que os resultados dessa pesquisa suscitaram o desejo em prosseguir descortinando o conselho de classe e entendendo com mais propriedade a sua potencialidade para intervir pedagogicamente quando for necessário.

Nessa seara, decidimos dar continuidade à pesquisa no curso de Doutorado em Educação. Finalizamos o primeiro semestre e já podemos indicar inferências a respeito do entendimento do conselho de classe. Para abordar a questão, trataremos duas situações que vêm somando na caminhada acadêmica e profissional. A princípio, comentaremos a participação no Grupo de Estudos e Pesquisas em Avaliação para Aprendizagem, ofertado pela Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia (FACED/UFBA) e liderado pelas professoras e doutoras em Educação Rejane de Oliveira Alves e Edna Telma Fonseca e Silva Vilar. Em seguida, explicitaremos as colaborações de leituras recomendadas pela orientadora da pesquisa que se encontra em andamento.

Em um dos encontros do grupo, o texto explorado foi o artigo publicado na Revista Estudos em Avaliação Educacional, Tendências da produção do conhecimento em avaliação das aprendizagens no Brasil (2010 – 2014), de autoria de Rosaria Boldarine, Raquel Barbosa e Sérgio Annibal. As autoras e o autor pontuam que, ao pensarmos o ato de avaliar as

Ressignificando a concepção de conselho de classe: a (auto)biografia nos territórios da docência aprendizagens, precisamos observar a influência das avaliações externas nos programas e currículos das instituições (Boldarine; Barbosa; Annibal, 2017).

Esta fala nos faz entender que avaliar o conhecimento construído na escola discorre sob a influência das avaliações de larga escala, nas quais tantas vezes reforçam as tarefas de controlar e monitorar. Nesse contexto, acabam por não valorizar os seus resultados com fins de contribuir com o processo de formação dos/as estudantes. Se o conselho de classe for um espaço onde se estimula ações simplesmente preocupadas com os exames externos, podemos dizer que esta prática se insere no fundamento da avaliação tradicional.

Dando continuidade à proposta de estudo, cabe registrar que em outra reunião discutimos o artigo publicado na Revista Teias, cujo título é Silenciamento e diálogo na avaliação escolar, escrito por Maria Teresa Esteban e Bruna de Souza Fabricante Pina. Segundo as estudiosas, “a avaliação [...] é um exercício dialógico, crítico, reflexivo e participativo que fomenta a problematização de resultados produzidos, percursos vividos e aprendizagens” (Esteban; Pina, 2021, p. 11). Percebemos que avaliar pressupõe o diálogo, a criticidade, a reflexão e a participação, quando problematiza os seus resultados para saber os conhecimentos construídos e ainda necessários para movimentar o processo de ensino e aprendizagem.

Nesse contraponto, reparamos duas conjunturas possíveis de incluir o conselho de classe. A primeira delas nos remete à preocupação com as notas, uma vez que se interessa pelo desempenho dos/as estudantes nas avaliações externas. A outra se refere a uma prática que toma como direção o acompanhamento das aprendizagens e a as ações interventivas capazes de diminuir ou romper os problemas percebidos pela comunidade escolar. Em meio a estas questões, vale frisar que o grupo entende a avaliação como “um ato pedagógico e político que envolve a tomada de decisões para melhoria do processo de aprendizagem e ensino” (Alves, 2020, p. 9).

Além dos textos discutidos, leituras foram recomendadas pela orientadora da pesquisa que se encontra em andamento no curso de Doutorado, a professora Rejane de Oliveira Alves. Estes, por sua vez, têm sinalizado questões mais relacionadas ao conselho de classe e à avaliação, como atividades que precisam se preocupar com um percurso formativo. Nesse sentido, a pesquisa doutoral tem como objetivo compreender como o conselho de classe se constitui e(m) contexto de avaliação no Ensino Fundamental II nas escolas da rede pública. O nosso enfoque principal é a avaliação na articulação do conselho de classe, dando ênfase à perspectiva dialógica.

Em uma das sugestões de leitura, as autoras do texto Avaliação formativa da

aprendizagem: a experiência do conselho de classe, publicado na Revista Estudos em Avaliação Educacional, fixam que “geralmente essas reuniões não assumem a função formativa da avaliação, mas se apoiam na função somativa da avaliação, especificamente nas subfunções de seleção e certificação” (Magnata; Santos, 2015, p. 771). É feito um alerta da prática do conselho que atua com o objetivo de selecionar e excluir.

Nesse movimento, reflexões foram se ampliando em volta do conselho de classe. Dentre as leituras realizadas, observamos as ponderações de Villas Boas (2014) em um capítulo de livro cujo título é Conselho de classe: toda a escola praticando a avaliação formativa. A mesma autora afirma que “a avaliação formativa transforma o conselho de classe em um aliado para a organização e a reorganização do trabalho pedagógico comprometido com a inserção social dos sujeitos” (p. 100, 101). Estas incursões nos fizeram conceber a seguinte concepção de conselho de classe:

O conselho de classe é uma prática que se constrói por meio do diálogo coletivo, da reflexão, da avaliação, do acompanhamento das aprendizagens e da intervenção sempre que for necessário. Este é o conselho que vai ao encontro de um processo educacional formativo. (*Recorte de Diário - 05*)

As trilhas exploradas nos permitiram entender as ressignificações tecidas referentes ao conselho de classe e as suas relações com o campo da avaliação da aprendizagem. As discussões desenvolvidas no Grupo e as leituras sugeridas pela orientadora da pesquisa de Doutorado despertaram uma visão mais formativa do conselho de classe, pois, para além da natureza burocrática, mobiliza o processo educativo que atende a educação transformadora. Para melhor percebermos o movimento realizado nesse processo de construção, mais adiante elencaremos os deslocamentos encontrados nas concepções deste conselho formadas pela professora-pesquisadora-narradora.

O movimento das ressignificações: os passos dados nas dimensões pedagógica e acadêmica

Inicialmente, reafirmamos que o tempo considerado para refletir as ressignificações das ideias acerca do conselho de classe compreende os anos de 2008, por ser o início da carreira docente, e 2024, a fim de situar os dias atuais. As concepções foram escritas conforme os registros do diário reflexivo da participante do presente estudo. Gostaríamos de chamar atenção para as construções realizadas antes e depois da pesquisa no Mestrado em Educação e início no Doutorado em Educação. Até porque, como nos escreve Freire (2015, p. 14), “pesquisei para

constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade”. Na tentativa de intervir, propomos a reflexão de uma prática pedagógica fundamental às ações escolares.

Sendo assim, elaboramos o quadro a seguir para apresentar, de forma mais sistematizada, os achados da pesquisa.

Quadro 1 – Ressignificações da concepção de conselho de classe

Temporalidade	Concepção de conselho de classe
Antes da pesquisa (2008 - 2012)	Atividade garantida por lei e exigida pela Secretaria Municipal de Educação, tendo como função apresentar notas e definir a aprovação e a reprovação dos/as estudantes. Conversa rápida e tranquila entre professores, coordenadora pedagógica e gestora.
Antes da pesquisa (2013 – 2014)	Momento destinado unicamente para os professores desabafarem, tratarem das notas e do comportamento dos/as estudantes com a finalidade de definir por aqueles que “merecem” ser aprovados ou reprovados. Reunião com muitos desentendimentos devido à cobrança da gestão por um número menor de reprovações.
Antes da pesquisa (2015 - 2016)	Lugar de muitos confrontos, onde professores optam por não participarem. Continua centralizado em notas, aprovações e reprovações.
Durante e após o Mestrado (2017 – 2023)	Ação burocrática no qual a escola se reúne para conversar sobre os resultados do processo de ensino e aprendizagem. Normalmente, é um lugar marcado pela falta de consenso, o que provoca muitos desentendimentos, e por julgamentos com relação ao comportamento dos/as estudantes, o que causa desconforto aos envolvidos.
Início do Doutorado (2024)	Prática que se constrói por meio do diálogo coletivo, da reflexão, da avaliação, do acompanhamento das aprendizagens e da intervenção sempre que for necessário. Este é o conselho que vai ao encontro de um processo educacional formativo.

Fonte: Elaborado pela autora.

Com base nas colocações vistas no quadro, cabe tecer alguns comentários. As concepções elaboradas pela participante antes da pesquisa, ou seja, entre os anos de 2008 a 2016, tratam o conselho de classe como um lugar direcionado às notas, aos resultados, à definição pelas aprovações e reprovações dos/as estudantes. Um fato novo aparece nos anos de 2015 e 2016, quando é dito que esta prática é demarcada por muitos confrontos, o que provocou a decisão de alguns/mas professores/as em não participarem.

Durante o curso de Mestrado em Educação, aspectos diferentes se revelam, como a percepção da reunião com a intenção de conversar, tratando dos resultados do processo de ensino e de aprendizagem. Outros pontos valem ser destacados, tais como: a falta de consenso, o julgamento com relação ao comportamento dos/as estudantes e o desconforto para os envolvidos. Agora é percebido com mais constância o desencontro de opiniões no conselho, o que torna o ambiente desagradável.

E, por fim, no início do curso de Doutorado em Educação, as leituras e discussões no

Grupo de Estudos e Pesquisas em Avaliação para Aprendizagem e, também, as sugestões de textos realizadas pela orientadora na pesquisa em andamento, proposições outras ganham espaço. Ao enveredar pelo campo da avaliação, observamos as suas relações com o conselho de classe. Esta prática começa a ser entendida como uma instância que precisa acompanhar as aprendizagens para fazer as intervenções necessárias. Ou seja, considerar o percurso e não apenas os resultados.

Considerações [nem sempre finais]

Nosso compromisso aqui foi refletir a resignificação da concepção de conselho de classe no campo da docência. Para tanto, situamos este conselho a partir de seu conceito e função no espaço escolar com as colaborações de estudiosos/as do tema; e compreendemos a resignificação da concepção deste conselho através das experiências de vida da participante em suas dimensões pedagógica e acadêmica. Em meio ao exposto, utilizamos recortes de narrativas (auto)biográficas que, por sua vez, foram apresentados e discutidos.

Pensamos nas narrativas como territórios férteis para a formação docente, pois a escrita de si possibilita conversar consigo e com o outro, repensar a prática e provocar uma postura diferente. Podemos dizer que as reflexões feitas acerca das vivências da participante e a sua aproximação com o conselho de classe, enquanto professora-pesquisadora-narradora, reforçam questionamentos com a intenção de reconstruir esta prática, tais como: Afinal de contas, o que é o conselho de classe? Qual a sua função? Quem deve participar? De que forma, se insere na lógica da avaliação tradicional e na lógica da avaliação formativa?

Nossas impressões do conselho de classe implicam no entendimento de um espaço democrático que envolve o diálogo entre toda a comunidade escolar e local, a reflexão, a avaliação, o acompanhamento, a tomada de decisões e a intervenção. Isto é, inserido na lógica da avaliação formativa e preocupado com a aprendizagem significativa, os saberes docentes e a emancipação dos/as estudantes. Então, tomamos como importante a desconstrução de uma ideia de conselho de classe que centraliza os resultados de provas, baseando-se na lógica da avaliação tradicional.

Em linhas gerais, os recortes das narrativas da participante contemplaram as concepções de conselho de classe que se formaram ao longo de sua carreira docente e caminhada acadêmica. De um chão direcionado às notas e aos resultados, interessado na definição de aprovações e reprovações, parte para um lugar que se movimenta dialógica e formativamente **em prol** do

acompanhamento das aprendizagens e da mudança. Sabemos que o conselho nem sempre estará isento de conflitos e contradições, todavia defendemos a importância em buscar um olhar mais atento, reflexivo e formativo para o funcionamento deste conselho.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rejane de Oliveira. *Avaliação da aprendizagem*. Trilhas formativas para a educação online, p. 4-26 : il. (Trilhas formativas para a educação on-line). Salvador, 2020. Disponível em: <https://ufbaemmovimento.ufba.br/Avaliação-aprendizagem>. Acesso em: 22 set. 2024.

BOLDARINE, Rosaria de Fátima; BARBOSA, Raquel Lazzari Leite; ANNIBAL, Sérgio Fabiano. *Tendências da Produção de Conhecimento em Avaliação das Aprendizagens no Brasil (2010-2014)*. Revista Estudos em Avaliação Educacional, São Paulo, v. 28, n. 67, p. 169-189, jan./abr.2017.

BRASIL. Ministério da Educação. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996*. Brasília, DF, Brasil, 1996.

CHIZZOTTI, Antônio. *Pesquisas em ciências humanas e sociais: da pesquisa qualitativa e coleta de dados qualitativos*. São Paulo: Cortez, 2008.

DALBEN, Ângela Imaculada Loureiro de Freitas. *Trabalho escolar e conselho de classe*. Campinas/SP: Papirus, 1995. (Coleção magistério: formação e trabalho pedagógico).

DALBEN, Ângela Imaculada Loureiro de Freitas. *Conselho de Classe e avaliação: perspectivas na gestão pedagógica da escola*. Campinas/SP: Papirus, 2006. (Coleção magistério: formação e trabalho pedagógico).

ESTEBAN, Maria Teresa; PINA, Bruna de Souza Fabricante. Silenciamento e diálogo na avaliação escolar. *Revista Teias*. V. 22, n. 67, out./nov.2021.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia. Saberes necessários à prática educativa*. 51ª edição. São Paulo/ Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2015.

LUCKESI, Cipriano Carlos. *Avaliação em Educação: questões epistemológicas e práticas*. São Paulo: Cortez, 2018.

MAGNATA, Rubia Cavalcante Vicente; SANTOS, Ana Lúcia Felix dos. Avaliação formativa da aprendizagem: a experiência do conselho de classe. *Revista Estudos em Avaliação Educacional*, São Paulo, v. 26, n. 63, p. 768-802, set./dez. 2015.

NEVES, Josélia Gomes. Cultura Escrita E Narrativa Autobiográfica: Implicações Na Formação. In: CAMARGO, M.R., org., SANTOS, VCC. colab. *Leitura e escrita como espaços autobiográficos de formação docente*. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino de. O movimento (auto)biográfico no Brasil: esboço de suas configurações no campo educacional. *Revista Investigación Cualitativa*, 2017. Disponível em: <http://investigacioncualitativa.com/index.php/revista/article/view/46> . Acesso em: 15 set. 2024.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso*. Campinas: Pontes, 1988.

SOUZA, Elizeu Clementino. de (Org.) (2006). *Autobiografias, história de vida e formação: pesquisa e ensino*. Salvador/ Bahia: EDUNEB – EDIPUCRS.

JESUS, R. L. L. V.

Ressignificando a concepção de conselho de classe: a (auto)biografia nos territórios da docência

SOUZA, Elizeu Clementino. (Auto)biografia, identidades e alteridade. Modos de narração, escritas de si e práticas de formação na pós-graduação. Revista Fórum Identidades. Ano 2, Vol. 4 – p. 37-50, 2008.

VILLAS BOAS, Benigna. Conselho de Classe: toda a escola praticando a avaliação formativa. In: VILLAS BOAS, Benigna. *Projeto de Intervenção na escola: mantendo as aprendizagens em dia*. São Paulo: Papirus Editora, 2014.

Recebido em: 02 out. 2024.

Aprovado em: 20 nov. 2024.

Revisor(a) de língua portuguesa: a autora

Revisor(a) de língua inglesa: a autora

Revisor(a) de língua espanhola: a autora